

LISBOASOFIA – CIDADES BEM DITAS

TIMENOVA, Zlatka, IVOYLOVA, Alexandra. *Cities of Words*. Allahabad: Cyberwit, 2020.

O livro de Zlatka Timenova e Alexandra Ivoylova está em três línguas – o búlgaro original das autoras, o chinês e o inglês – mas é sobre Lisboa, perdão, sobre Lisboa e Sofia, cidades capitais e, como diz este livro, cidades das palavras. Zlatka parte em vantagem, conhece melhor ambas as cidades, nasceu numa e vive na outra. Ou, de forma mais precisa, vive em ambas as cidades. Alexandra não tem o benefício (nunca despreciando, creio) de morar em Lisboa. Todavia, dizer que ela “não mora em Lisboa” pode levar, se dito em voz alta, à auspiciosa junção de ‘não’ e ‘mora’. O que dá um bonito resultado: “Zlatka Timenova nasceu em Sofia e mora em Lisboa; Alexandra Ivoylova nasceu em Sofia e namora em Lisboa”.

Das três línguas em que é escrito este livro, por duas pessoas mas a quatro mãos (como uma partitura ao piano), só posso ler a versão em inglês, a língua franca e de poder nos dias de hoje. Infelizmente, tanto o original búlgaro como a versão em mandarim são-me território interdito – nem sequer o alfabeto consigo entender. Só, como em tempos formulou Ana Hatherly, posso fascinar-me pela forma – e lê-los de outro modo. Aliás, tenho de os ler: estão em cada página e, mesmo que o quisesse, não os poderia ignorar. Estão lá. Dou-me então conta de ser um leitor incompleto, quiçá o mais incompleto dos leitores – o que, convenhamos, até me dá vantagem crítica, pois, na leitura de um livro de poesia, entender pode ser menos pertinente que não-entender. E um crítico que não perceba que não pode entender tudo e isso até é bom, que não pode explicar tudo, dará consigo condenado a dois infernos: a) não perceber nada do seu trabalho, b) a virar editor literário.

Este livro ganha assim, pela omnipresença em cada página de três línguas em três alfabetos distintos, uma peculiar multidimensionalidade. Porque só um leitor de tipo raro, um que domine as três línguas, pode confirmar a adequação das versões umas às outras. Do que, sem ofensa para os tradutores, convém duvidar. Uma tradução perfeita é virtualmente impossível. Ainda para mais se for um tecido poético, um terreno estético onde para ser fiel há que ser infiel, para ser leal convém trair (pelo menos no casamento entre ideias e palavras e emoções, até porque desde logo é um *ménage à trois*, o que já propicia a coisa), que em cada verso traduzido algo se perde – ou ganha. O título, *Cities of Words*, talvez nem coloque muitos problemas: em português o tradutor terá, pelo menos nesta primeira página, a vida facilitada. *Cidades de Palavras*, suponho. Mas não estou certo. Talvez *Cidades das Palavras*? Mesmo entre inglês e português, línguas mais próximas que mandarim, surgem sempre pequenos problemas, os pequenos problemas que, na tradução de poesia, viram enormes.

Rui Zink

ORCID ID 0000-0003-1672-9480. E-mail: zink.rui@gmail.com

Nascido no Japão, o Haiku é uma forma rígida de três versos, com um jogo de sílabas preciso – mal é vertido para outra língua, ou seja, tocado por outro instrumento, começam as dificuldades (muitas delas intransponíveis) de o poeta ser fiel à marca de origem. Quantas palavras haverá em mandarim para ‘cidade’? E qual a mais adequada? Na tradução, forma e sentido têm a perturbante tendência a parecerem um casal desavindo, cada qual pedindo-nos que, em caso de conflito, ignoremos a outra. Uma verdadeira escolha de Sofia, por vezes, a tradução, não?

Alexandra Ivoynova é pianista, o que sublinha a ideia acima alvitrada de este *Cities of Words* ser mesmo escrito a quatro mãos. Não é um livro com “poemas de Alexandra ou Zlatka”, embora as duas autorias estejam sempre assinaladas: uma falando de Lisboa, a outra de Sofia, duas poetisas e duas cidades em diálogo, entrelaçadas como o ADN nas ilustrações de divulgação científica. E, de novo, a amplificação de possibilidades de leitura: cada poema pode ser lido autonomamente, mas o livro pode ser lido como um único longo poema. Ou um romance epistolar.

Por parte de Zlatka e Alexandra, é uma declaração de amor a duas cidades que lhes parecem feitas de palavras, ou invocadoras de palavras. Duas cidades que têm estações, alegrias, melancolias, duas cidades-sonata. Mas *Cities of Words* é um só livro, uma unidade formal laborada e elaborada por ambas as autoras.

O princípio do Haiku implica também uma atenção ao quase-nada. Hoje em dia há uma tendência, sobretudo em poetisas mais jovens, para fazer aquilo a que chamo o *verso-standup*: poemas com um remate cómico ou irónico no fim, a chamada *punchline*. Não desgosto, e se convoco aqui essa moda é para dizer que o movimento de Alexandra Ivoylova e Zlatka é mesmo o do Haiku. O terceiro verso como não-remate: em vez de fecho, abertura. Quando muito ampliando o sentido, o horizonte do poema, aguardando que o completemos ou, simplesmente, ergamos os olhos da página, ficando quiçá a cismar no que estiver diante de nós, seja a azáfama no café onde folheamos o livro, seja o edifício defronte, do outro lado da rua. Ou talvez uma senhora passeando o cão (“a lady and a dog”, p.38) ou um engarrafamento (“traffic-jam”, p.22).

Os poemas neste livro podem ser vistos como fragmentos num jornal que apanhamos do chão, uma frase rabiscada num guardanapo pelo anterior utente da mesa, ou observações quase espontâneas ouvidas sem grande atenção. Ou como se as autoras se surpreendessem a si próprias com uma ninharia.

Eis um dos meus favoritos: “In Lisbon/only the Christmas tree/is covered with snow” (p.63). Ao lê-lo, dou comigo a admitir que é verdade, é quase um truísmo. Ou é mesmo um truísmo. Mas depois, passado um momento (como uma droga só agora fazendo efeito), dou por mim a lembrar-me que um ano houve, na minha infância, em que nevou mesmo em Lisboa. E dou por mim a pensar na minha infância e são-me puxados para a superfície uns versos de Pessoa que andavam esquecidos: o jardim onde “brincarmos era o dono dele”. E parece que também houve outro ano mais recente em que nevou por umas horas, pelo menos foi o que alguns amigos me disseram e veio no telejornal – e agora dou comigo a pensar no que perdi, no tanto que ao longo dos anos perdi, pessoas, memórias ou mesmo livros que já não

lembro a quem emprestei. E depois penso ainda em amores perdidos, alguns que me magoaram mesmo, outros que passada a tristeza me levaram a amores mais bem-sucedidos e melhores. É aliás o que digo aos meus alunos, reparo agora, quando não preparei adequadamente a matéria para a aula: que encontramos a pessoa certa porque outras nos deixaram, que todos os nossos amores felizes são fruto de amores frustrados.

Ou então posso não pensar nada depois de lido o poema – botão algum disparou em mim, e também isso está bem. Não pensar em nada ou sequer sermos tocados por um ou outro poema é também um direito inalienável do leitor de poesia. A mim, por exemplo, o da p. 34 não aqueceu nem arrefeceu. E também está bem.

Lisboa e Sofia são aqui visitadas ao longo das quatro estações do ano. Curiosamente, os dois poemas que fecham o livro (de uma e outra autora) sugerem que há também um recomeço. O último verso do livro é mesmo “a baby cries” (p.73), enquanto na página anterior Alexandra escreve “the streets of my childhood”¹ e a minha imaginação de leitor dispara de novo e faz um duplo movimento: parte no tempo para umas décadas atrás, parte no espaço para uns quilómetros adiante, no bairro da minha infância. Alexandra Ivoylova escreve sobre Sofia, são lá as ruas da sua infância, não da minha, mas é esse o poder das palavras: constroem cidades e interligam memórias.

E, pensando bem, Sofia e Lisboa não são assim tão diferentes. Ambas são cidades habitadas pelas autoras, seja em imaginação ou presença real. Ambas são cidades físicas e metafísicas. Ambas são cidades de palavras, das palavras, feitas de gente e palavras. Ambas são cidades benditas: Lisboa pelo mítico Ulisses, Sofia pela (hoje ainda mais mítica) Sabedoria.

No posfácio, é-nos dito que este livro foi escrito “quando ainda éramos livres de viajar”. Mas ainda somos. É o que faz este livro. Ainda somos!

E tudo está bem quando começa bem. Embora o livro esteja em inglês, búlgaro, mandarim, a epígrafe inicial é em português. E o primeiro verso reza assim: “Lisboa oscilando como uma grande barca”. A autora citada tem um nome comprido, “de Mello Breyner Andresen”, mas é mais conhecida apenas pelo primeiro nome. Sophia.

Recebido em 19/10/2020.

Aceito: 30/11/2020.

¹ Enfim, o que ela escreve é, a bem dizer, кварталът на детството, não tanto ‘as ruas’ como ‘o bairro’, salvo erro.